



Fila em ponto de ônibus
no Vale do Anhamgabaú, 1953,
Acervo Instituto Moreira Salles

O MUNDO DE ALICE BRILL' FLAGRANTES DE SÃO PAULO

DALMO DE OLIVEIRA SOUZA E SILVA
E ROSEMARI FAGA VIÉGAS
ESPECIAL PARA ARTES&CRÍTICA

RESUMO: Alice Brill, fotógrafa falecida em 29 de junho de 2013, traz um repertório intenso que desvela, em *Flagrantes de São Paulo*, uma cidade que se transforma e se moderniza. O presente texto aborda: as relações sensíveis que norteiam a produção da artista (fotógrafa, gravadora e ensaísta); as suas experiências relacionadas à pintura (os primeiros ensinamentos com seu pai, o pintor-viajante Erich Brill e sua aproximação com o Grupo Santa Helena) e, particularmente dedica atenções ao registro das paisagens e cenas urbanas - alvos constantes de sua fotografia espontânea.

PALAVRAS-CHAVE: Alice Brill, *Flagrantes de São Paulo*; Arte e Fotografia.

ABSTRACT: Alice Brill, a photographer who died on June 29, 2013, brings an intense repertoire unveiling in Candid shots of São Paulo, a city that is transformed and modernized. The present text covers: the sensitive relations that guide the production artist (photographer, engraver and essayist); their experiences related to painting (the first lessons with his father, the painter-traveler Erich Brill and his approach to the Group Santa Helena) and particularly devotes attention to the record of landscapes and urban scenes - constant targets of their spontaneous photography.

KEYWORDS: Alice Brill, Candid shots of São Paulo; Art and Photography.

As duas primeiras décadas do século XX presenciaram a emergência das vanguardas artísticas e as transformações culturais advindas dos fenômenos da modernização. O caráter mecânico e de reprodutibilidade intrínsecos aos processos fotográficos foram vistos pelos artistas modernos como atributos capazes de representar a dinâmica da nova vida que surgia aceleradamente nos grandes centros industriais e urbanos. Ao mesmo tempo, os artistas ligados às vanguardas passaram a empregar a fotografia como instrumental para o questionamento das hierarquias tradicionais do sistema de produção, fruição e circulação da arte.

Nesse sentido, as interações entre arte e fotografia tornam-se cada vez mais densas. O repertório ora apropriado do universo pictórico passou a ser o ponto de conexão, no qual pintura e fotografia colaboraram entre si e evoluíram uma com a outra. As técnicas pictóricas tornaram-se mais fluidas, livres e espontâneas, uma vez que a fotografia liberava os pintores dos rigores da mimese. Muitos artistas recolhem fotografias

das paisagens e dos modelos para poderem depois pintá-los no conforto dos seus ateliês. A pintura passou a fazer uma exploração mais plástica dos enquadramentos e assume um olhar mais casual em relação aos objetos. Já a fotografia modernista, por sua vez, abriu mão dos temas bucólicos e pictóricos, característicos da fotografia acadêmica, jogando-se com profundidade na ação de desvelar a cidade moderna. E também nas experimentações técnicas que proporcionavam inovadoras imagens.

Entre os anos de 1920 e 1950, o “novo” desejado pela modernidade se coloca de forma definitiva na imagem técnica e nas possibilidades de experimentação desta. O registro fotográfico deixou de ser uma tentativa de capturar o instante real para transforma-se também em um ato interpretativo. A afirmação do teor artístico do registro fotográfico se manifestou, sobretudo, na exploração dos atributos específicos da técnica fotográfica, tais como os enquadramentos oferecidos pela câmera e os jogos de luz e sombra que a objetiva podia proporcionar. Tudo

isso, elegendo a cidade moderna e seu cotidiano como foco central.

A aptidão de *flâneur* que surge intrínseca à produção de Alice Brill desperta para a reflexão sobre as interações entre arte e fotografia; entre o universo pictórico e o registro documental de uma época e, especialmente sobre a vida em uma metrópole moderna, tal como São Paulo. Sua produção fotográfica resume-se em 14 mil negativos, que a artista passou ainda em vida para guarda do Instituto Moreira Salles (IMS) em 2000. Esse material assinala sua rara sensibilidade e sua diversidade temática, que se estende dos aspectos mais nobres aos banais da cidade de São Paulo, passando por retratos, pelos registros do mundo infantil até a documentação de viagens a Ouro Preto, Salvador e Xingu.

Quando Alice Brill foi convidada a observar os aspectos urbanos em fortes contradições (moradias modestas *versus* de luxo; centro *versus* periferia), obteve como resultado uma cartografia sensível do urbano na década de 1950, filtrada pelo olhar



Realejo na praça do Patriarca, São Paulo, c. 1953
Acervo Instituto Moreira Salles



Banca de jornal no
centro de São Paulo,
c. 1953
Acervo Instituto
Moreira Salles

da repórter que simultaneamente é pintora. Suas relações com o repertório pictórico iniciaram-se sob a influência de seu pai, Erich Brill, um pintor-viajante que esteve no Brasil, entre os anos de 1934 e 1937. Aqui, ele retratou a paisagem que o cercava, pintando obras, tais como, *Paquetá*, 1934, *Viaduto do Chá*, 1935, *Clube Tietê*, 1935, *Salto de Itu*, 1935 e outros lugares brasileiros. O pintor chegou a realizar exposições no Rio de Janeiro e em São Paulo. Porém, em 1937, ele retornou para Hamburgo, onde foi preso pelos nazistas. Deportado para o campo de concentração de Jungfernhof, próximo a Riga (Letônia), Erich foi fuzilado em 1942.

A família de Alice Brill desembarcou em terras brasileiras, quando ela aproximava-se dos 14 anos de idade. Na bagagem, uma minicâmera Agfa, tipo caixão - presente do pai - e equipamento com o qual, Alice registrou a viagem que, antes do destino final, passou por Espanha e Itália.

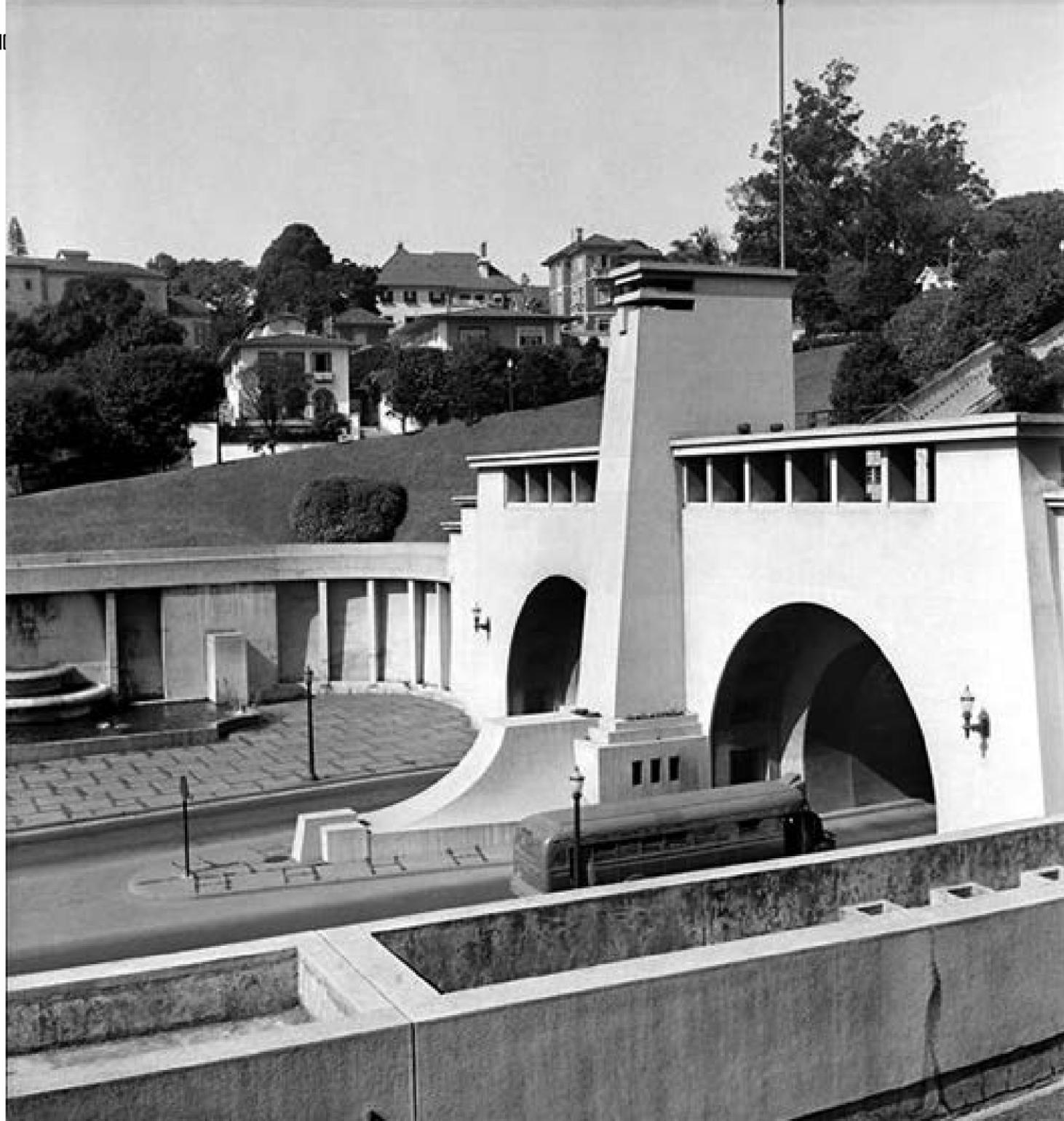
As experiências envolvendo o registro da paisagem não se esgotam

nesse episódio e na proximidade com a poética de seu pai: nos anos de 1940, Alice Brill frequenta o Palacete Santa Helena - lugar onde se encontraram artistas amadores ligados a trabalho simples de pintura de paredes ou de decoração de residências. Em sua maioria, imigrantes ou filhos de imigrantes que se dedicavam ao desenho com modelo vivo e às paisagens dos bairros suburbanos de São Paulo. Nesse edifício da Praça da Sé, no. 43 (posteriormente, 237 e demolido em decorrência da construção do metrô em 1973), nasceu, o que os críticos de arte denominaram de Grupo Santa Helena, constituído por Rebolo Gonsales (1902 -1980), Mário Zanini (1907-1971), Fulvio Pennacchi (1905-1992), Aldo Bonadei (1906-1974), Alfredo Volpi (1896-1988), Humberto Rosa (1908-1948), Clóvis Graciano (1907-1988), Manoel Martins (1911-1979) e Alfredo Rullo Rizzotti (1909-1972).

Do Santa Helena, Alice teve como mestres Paulo Rossi e Aldo Bonadei, além disso, tem, como ensaísta, um livro sobre Mário Zanini (*Mário Zanini e seu tempo*, Ed. Perspectiva, 1984).

Paulo Rossi conheceu o pai de Alice quando de sua permanência em São Paulo. No mesmo local também travou contato com Yolanda Mohalyi, Hansen Bahia e Samson Flexor. Dos traços herdados do Grupo Santa Helena, talvez, o desejo de retratar a vida popular seja uma das características mais marcantes de Alice Brill. Os santelenistas, aos finais de semana, realizavam excursões à periferia de São Paulo para praticar pintura ao ar livre. Também pequenas localidades do interior e do litoral paulista foram visitadas. Segundo Walter Zanini, os santelenistas tinham “como objeto de representação e ponto principal de referência uma visão física, humana e social muito particular do meio paulistano”.

Na série *Flagrantes de São Paulo* essa preocupação tornou-se explícita. Encomendada por Pietro Maria Bardi, então diretor do Museu de Arte de São Paulo (MASP), para integrar um álbum comemorativo do IV Centenário da cidade de São Paulo, em 1954, a série é uma tentativa de Alice Brill de mapear a metrópole paulista moderna e ambígua, a partir desta



Túnel Nove de Julho.
São Paulo, c. 1953
Acervo Instituto
Moreira Salles



Tocador de Realejo,
1950
Acervo Instituto
Moreira Salles

referência “física, humana e social”. O álbum comemorativo jamais foi publicado, à época, faltou patrocínio. A publicação integral das fotos que compõem a série permanece inédita até hoje, porém, algumas fotografias foram publicadas em periódicos, tal como a Revista Habitat (dirigida por Pietro Maria Bardi). Outras foram inseridas no livro *Isto é São Paulo! 99 Flagrantes da Capital Bandeirante* (Melhoramentos, 1956). O Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo (MAC USP) tem cerca de 70 fotografias da série - elas foram doadas pela artista em 1974.

Nesse ponto, torna-se importante assinalar que durante a década de 1950 há uma crescente produção de álbuns fotográficos sobre a cidade de São Paulo. O período que antecede o aniversário dos quatrocentos anos da cidade, em 1954, transborda uma multiplicidade de imagens oficiais amplamente divulgadas em *outdoors*, revistas ilustradas, cartões-postais e álbuns que remetiam a um discurso efusivo sobre o progresso e a industrialização da metrópole. A “saga dos bandeirantes” é propagada

no imaginário da época como um mito fundador. Reconta-se a história da antiga vila enfaticamente, numa linha contínua e ascendente, evocando a sua grandiosidade e potência associada aos heróis que teriam desbravado o Trópico de Capricórnio. “São Paulo, a locomotiva do Brasil” era um lema que invadia o cotidiano das pessoas.

Aversa a essa vertente, no conjunto de fotografias, Alice Brill traçou um retrato da cidade em diversos ângulos: do requinte das mansões de Higienópolis aos bairros operários; os grandes edifícios que se erguem solenes em seus registros fotográficos e, às cenas mais banais, como por exemplo, as vividas na banca de jornal ou na feira livre que toma as ruas da cidade. Aliam-se, ainda, os anúncios publicitários que se confundem e se ordenam, segundo a lógica da artista, às frutas, aos tipos humanos e à infraestrutura urbana. Nessa série fotográfica: símbolos da modernização coexistem com ícones do passado aristocrático ligado à economia cafeeira; tipos sociais surgem como coadjuvantes em cenas que sugerem o desequilíbrio existente entre as

classes sociais. Protagonista mesmo é somente a cidade em seus contrastes, ora colonial, ora cosmopolita; ora vertical, ora horizontal; ora rica, ora pobre e, assim por diante.

Na visão da crítica contemporânea, a série pode ser marcada por uma saudade de uma cidade que não existe mais ou que seus vestígios estão sobrepostos - o que restou dos anos de 1950 tornaram-se memórias carregadas pela poética gráfica de Alice Brill:

“Todo esse registro visto hoje tem a nostalgia da cidade outrora mais elegante e harmoniosa. Alice Brill, pela formação artística mais acentuada e pelas influências diretas da pintura e do desenho, fotografou a cidade de São Paulo nos anos 1950 de maneira mais construtiva e gráfica. Seu olhar, sentido privilegiado do nosso século e principal mediador entre o sujeito e a realidade objetiva e dinâmica, é mais poético, refinado e transformador”.

Flagrantes de São Paulo, Alice não exalta o formalismo ou a técnica. Ela está mais voltada à espontaneidade de



Fila em ponto de ônibus no Vale do Annhamgabaú, 1953, Acervo Instituto Moreira Salles

cada cena, uma vez que seu interesse era o documental imediato - o “fazer o retratado de uma época”. Por meio de amplo e detalhado registro, Alice fixou uma paisagem ambígua para São Paulo da década de 1950. Suas lições que abrangiam o mundo pictórico, advindas de Erich Brill e de seus mestres do Grupo Santa Helena nortearam essa produção.

Alice fotografou outras regiões do Brasil em viagens ou expedições, assim como registrou reproduções de obras de arte e eventos ocorridos em museu. Ela teve obras expostas nas primeiras bienais e é uma das fundadoras do Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM SP). Também fez retratos de famílias e de crianças que foram importantes para consolidá-la na profissão. Vale mencionar, ainda, o interessante trabalho de registro das atividades promovidas pela Seção de Artes Plásticas do Hospital do Juquery. Porém, a exploração da paisagem urbana tornou-se uma constante em seu percurso estético.

Prova disso, é sua produção na década posterior, que gira em torno de pinturas

que nas quais se apresentam figuras humanas em casarios ou apartamentos. Com delicadeza, elaborou figuras em estruturas verticais semelhantes a prédios e telhados geometrizados de casas avistados a partir das janelas de seu ateliê. O tema da solidão na metrópole era recorrente em sua obra e pode detectar-se traços dela em *Flagrantes de São Paulo*. Na série, a fotógrafa registra as cenas em preto e branco, nas pinturas à estrutura marcada de suas telas, ela une o emprego apurado da cor, criando ousadas relações formais na paisagem. No fim de sua trajetória, aproximou-se da abstração, porém, isso é uma outra história.

NOTAS:

1 Em 2005, o Instituto Moreira Salles organizou uma retrospectiva da artista com o mesmo título

2 Alice Brill (Colônia, Alemanha, 1920 - São Paulo, SP, 2013). Estudou pintura no Palacete Santa Helena, em São Paulo, durante a primeira metade da década de 1940. Entre 1946 e 1947, fez uma série de cursos na New Mexico University, em Albuquerque, Novo México (Estados Unidos) e na Art Student’s League, em Nova York. Nesse mesmo período, iniciou suas primeiras experiências em fotografia. Após o seu retorno ao Brasil, trabalhou como fotógrafa da revista Habitat, realizando reportagens sobre arquitetura e artes plásticas, temas que também desenvolveu em atividades ligadas ao MASP, MAM SP e à Bienal Internacional de São Paulo. Entre 1948 e 1960, documentou os índios Carajás, de Mato Grosso. Formou-se em filosofia pela PUC SP em 1975. Obteve o mestrado em 1982 e o doutorado, pela USP, em 1989. Entre as exposições de que participou, é possível destacar: Salão do Sindicato dos Artistas Plásticos de São Paulo,

1944, 1947 e 1948 (Prêmio Mário de Andrade, 1948); Bienal Internacional de São Paulo, 1951 e 1967; Salão Paulista de Arte Moderna, São Paulo, de 1961 a 1968 (Pequena Medalha de Prata, 1961; Medalha de Prata, 1962; Medalha de Ouro, 1963; Medalha de Prata, 1964; Prêmio Aquisição, 1965); Panorama de Arte Atual Brasileira, no MAM SP, várias edições entre 1969 e 1979; A Cidade na Arte, no CCSP, São Paulo, 1983; A Fotografia e os anos 50, no MAC USP, 1984; Pinturas Alice Brill, no MAC USP, 1994.

3 “O próprio Rebolo explicaria, anos mais tarde, as origens do Grupo: ‘O Santa Helena não começou como um movimento: foi transformado em movimento pelos intelectuais.’ Um grupo formado por meia dúzia de amigos, cujo traço comum era não gostar de acadêmicos e querer a “pintura verdadeira” que não fosse anedótica ou narrativa. ‘A pintura pela pintura’”. AJZENBERG, Elza. Grupo Santa Helena. *19&20*, Rio de Janeiro, v. III, n. 4, out. 2008. Disponível em: http://www.dezenovevinte.net/artistas/artistas_gsh.htm. Acesso em 12 mar. 2015.

4 ZANINI, Walter. 60 anos do Grupo Santa Helena. In: *O Grupo Santa Helena* (folder de exposição realizada no Centro Cultural Banco do Brasil, Rio de Janeiro, jan-mar/1996).

5 MOREIRA, Marina Rago. Alice Brill, retratos de uma metrópole. *Primeiros Escritos*, no. 18, junho, 2012. In: http://www.labhoi.uff.br/sites/default/files/AliceBrill_rev.pdf. Acesso em 12 mar. 2015

6 FERNANDES JÚNIOR, Rubens. Alice Brill. In: CARBONCINI, Anna (coord.). *Coleção Pirelli/MASP de Fotografias*: v. 7. São Paulo: MASP, 1997.

REFERÊNCIAS:

AJZENBERG, Elza. Grupo Santa Helena. *19&20*, Rio de Janeiro, v. III, n. 4, out. 2008. Disponível em: http://www.dezenovevinte.net/artistas/artistas_gsh.htm. Acesso em 12 mar. 2015.

ARGAN, Giulio Carlo. *Arte moderna*. São Paulo: Cia das Letras, 1993.

BENJAMIM, Walter. *A obra de arte no tempo de sua técnica de reprodução – Sociologia da Arte*, Rio de Janeiro: Zahar, 1969.

ERICH Brill: Pintor e viajante. Textos: Erich Brill; Uma vida interrompida/apresentação de Emannel Araújo; textos de Alice Brill e Wolfgang Pfeiffer. São Paulo: Pinacoteca do Estado, 1995.

GOMBRICH, Ernst. H. *A História da Arte*, Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

HAUSER, Arnold. *História Social da Arte e da Literatura*, São Paulo: Martins Fontes, 2000.

KOSSOY, Boris. *Fotografia e História*, São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

KOSSOY, Boris. “Construção de uma visualidade moderna” In: *O Mundo de Alice Brill*, 2005, p.p. 6-14.

MOREIRA, Marina Rago. Alice Brill, retratos de uma metrópole. *Primeiros Escritos*, no. 18, junho, 2012. In: http://www.labhoi.uff.br/sites/default/files/AliceBrill_rev.pdf. Acesso em 12 mar. 2015.

ZANINI, Walter. 60 anos do *Grupo Santa Helena*. In: O Grupo Santa Helena (folder de exposição realizada no Centro Cultural Banco do Brasil, Rio de Janeiro, jan–mar/1996).

DALMO DE OLIVEIRA SOUZA E SILVA

Graduação em Pedagogia pela Faculdade de Filosofia e Letras Nove de Julho (1984), graduação em Letras pela Universidade Federal de Alagoas (1981), mestrado em Artes pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (1987) e doutorado em Artes pela Universidade de São Paulo com bolsa (Daad) na Universidade de Augsburg/Alemanha (1993). Atualmente é professor titular do Centro Universitário Álvares Penteado e da Universidade Metodista de São Paulo. Pesquisador da Cátedra de Gestão de Cidades da UMESS.

ROSEMARI FAGA VIÉGAS

Graduada em Administração pela Escola Superior de Administração de Negócios (1975), Mestre em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo (1988) e Doutora em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo (1996). Foi docente do Mestrado em Comunicação, Educação e Administração da Universidade São Marcos. Exerceu cargos de direção e gestão em Instituição Pública e editor-gráfico em revistas científicas. Organizou e participou de projetos acadêmicos e institucionais. Atualmente, é professora titular da Faculdade São Sebastião/SP. Avaliadora adhoc do MEC/INEP desde 1998.